

# MEMÓRIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA: NARRATIVAS... EVOCAÇÕES

Conceição Cavalcante Carvalho/UFPI<sup>1</sup>  
Adriana Pereira Silva de Santana/UFPI<sup>2</sup>  
Dr<sup>a</sup>. Antonia Edna Brito/UFPI<sup>3</sup>

## RESUMO

A alfabetização caracteriza-se como um processo de natureza complexa e desafiadora, haja vista que os docentes necessitam de saberes a cerca da natureza da leitura e da escrita, articulados ao conhecimento sobre o modo como a criança realiza a aprendizagem da língua escrita. Considerando esse fato, o presente artigo tem como objetivo rememorar a prática pedagógica de professoras alfabetizadoras propiciando a reflexão sobre o saber e o saber-fazer. O estudo resulta de pesquisa em andamento intitulada Prática Pedagógica de Professoras Alfabetizadoras: Historias Singulares, tendo como suporte metodológico a abordagem qualitativa. Caracteriza-se, portanto, como pesquisa narrativa. Neste sentido, definimos como suporte teórico-metodológico as contribuições de: Brito (2007), Curto (2000), Carvalho (2010) e Mignot (2008), dentre outros. O estudo revelou que as alfabetizadoras pesquisadas desenvolvem o processo de alfabetização compreendendo a complexidade de alfabetizar, o que resulta numa prática alfabetizadora que ultrapassa o ensino da técnica de codificar/decodificar.

**Palavras chaves:** Pratica Pedagógica. Alfabetização. Pesquisa Narrativa.

## 1 Considerações Introdutórias

O conceito de alfabetização tem sido discutido sob diferentes enfoques. Essa conceituação ora privilegia a abordagem mecânica do código escrito, preocupando-se com os métodos e as técnicas a serem utilizadas para alfabetizar a criança, ou seja, expressando uma abordagem elementar sobre a alfabetização. E, em outros casos, enfatiza não apenas a dimensão técnica da alfabetização, mas abordando outros aspectos do processo de alfabetização, ressaltando a escrita como produto cultural, a natureza da escrita alfabética, bem como a necessidade da articulação entre diferentes áreas do conhecimento na análise do ensino da escrita (Linguística, Sociolinguística, Psicolinguística, dentre outras).

A partir de estudos e pesquisas (SOARES, (2010); CASTANHEIRA; MARCIEL; MARTINS (2008), por Exemplo) percebemos que a concepção de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia; Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia; Bolsista PIBIC/UFPI

<sup>3</sup> Professora da Pós-graduação/UFPI; Orientadora PIBIC.

alfabetização tem sido ampliada no contexto educacional brasileiro, visto que os usos escolares da escrita envolvem tanto o processo de codificação/decodificação, quanto as situações de usos sociais da escrita. Ou seja, a vivência numa sociedade grafocêntrica, em que não basta simplesmente o indivíduo saber ler e escrever em um nível rudimentar, requer que o alfabetizando saiba ler e escrever tendo a consciência da utilidade da leitura e da escrita em sua vida cotidiana.

Neste caso, as práticas pedagógicas alfabetizadoras devem levar em consideração que a escrita da criança é um produto histórico e sociocultural com diferentes funções e usos sociais. As crianças, portanto, chegam à escola sabendo o que é a escrita e qual a sua finalidade. Assim, cada criança irá apresenta-se no contexto escolar com conhecimentos prévios, de acordo com suas experiências sobre a leitura e a escrita. É necessário, desse modo, que o alfabetizador reconheça que as crianças apresentam vivências variadas com a linguagem escrita. A escola, nesta perspectiva, como a responsável pelo processo formal de alfabetização, deve proporcionar às crianças os conhecimentos necessários para que elas possam exercer de forma competente as práticas sociais leitoras e escritoras requeridas na sociedade.

A partir do exposto, apresentamos o presente artigo que tem como objetivo rememorar práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras propiciando a reflexão sobre o saber e o saber-fazer. O trabalho está estruturado em três seções, além de conter uma introdução e uma conclusão. Na primeira seção, discorremos sobre o processo de alfabetização, abordando a leitura e a escrita como práticas reflexivas. A segunda seção contém a descrição da trajetória metodológica da pesquisa, focalizando, entre outros aspectos, o tipo de pesquisa, o processo de produção dos dados, e os sujeitos da investigação. Na terceira seção apresentamos os dados da investigação, a partir da análise de conteúdos.

## **2 O processo de alfabetização: uma revisitação**

A alfabetização tem sido objeto de diferentes análises tendo em vista sua natureza específica, complexa e multifacetada, pois para alfabetizar “[...] os docentes precisam ter saberes a cerca da natureza da leitura e da escrita combinado ao conhecimento do modo pelo qual a criança realiza o processo de aprendizagem” (VARELA, 2001, p. 29). Ademais, necessitam ter conhecimentos sobre como a criança

aprende, sobre o funcionamento dos atos de ler e de escrever e acerca dos usos da leitura e da escrita nas mais diversas situações na sociedade.

Essa vertente analítica nos remete a pensar no significado etimológico do termo alfabetização: “[...] levar à aquisição do alfabeto”, (SOARES, 2010, p.15), o que implica compreender a alfabetização como o ensino da tecnologia do ler e do escrever. No entanto, na perspectiva do letramento a alfabetização tem sido entendida não como “[...] uma habilidade, é um conjunto de habilidades” (SOARES, 2010, p. 08.), pois para alfabetizar uma criança não basta ensiná-la apenas a técnica de codificar e decodificar letras, mas é necessário ensiná-las os diferentes usos da linguagem escrita e as diferentes formas em que a leitura e a escrita estão presentes na sociedade.

Conforme a autora, essas habilidades ocorrem através de processos diversificados que acontecem em momentos simultâneos. São processos independentes e inseparáveis, pois saber apenas codificar e decodificar não garante os saberes necessários para a utilização da leitura e da escrita como prática social. Dessa forma, cabe ao professor alfabetizador o papel de proporcionar à criança, tanto a apropriação do sistema de escrita, quanto prepará-la para que saiba fazer uso da leitura e da escrita como objeto sociocultural com diferentes funções no âmbito social, mostrando às crianças que o objetivo de aprender a ler e a escrever não é somente para fins da escola, (como por exemplo: para passar de ano ou tirar boas notas), mas que esse aprendizado perdura no decorrer de toda a vida.

E para que o professor desempenhe de forma competente sua função como alfabetizador, deve conhecer como a criança aprende, ou seja, como ela se apropria da leitura e da escrita. O alfabetizador, então, necessita conhecer os meandros do processo de aquisição da linguagem escrita para construir uma intervenção pedagógica que responda aos interesses e necessidades da criança em processo de alfabetização. A respeito da aquisição da escrita, Soares (2010, p. 39) enfatiza:

A construção desse conhecimento não é fácil, nem tão pouco simples. Trata-se de uma aprendizagem complexa, individual e subjetiva, mas não solitária, porque exige, ao mesmo tempo, troca de informações, estímulos e motivação.

Ou seja, a criança é a responsável pela construção do seu conhecimento, no entanto se não for colocada em interação com a leitura, a escrita e com seus pares, se não for estimulada a fazer uso do ler e do escrever, enfrentará sérias dificuldades na

construção de suas aprendizagens e em sua formação como leitora e escritora competente.

É importante realçar que a aprendizagem da escrita é um processo que demanda tempo, haja vista que a criança ao interagir com o sistema de escrita convencional, cria e recria esse sistema, a partir de suas próprias normas e regras, produz códigos e sinais para representar a escrita. E, na medida em que sua interação com o sistema convencional de escrita vai aumentando, aumentam suas descobertas que se incorporaram às concepções iniciais, até o momento em que entenderá o que é a escrita, o que ela representa e como representa.

Desse modo, a criança deve ser vista em sua singularidade, como membro de uma sociedade, que participa efetivamente de práticas sociais e culturais de usos da linguagem escrita. Nesta perspectiva, o professor deve levar em conta a história individual de cada um dos alunos, respeitando o ritmo de aprendizagem e os níveis diferenciados de desenvolvimento, pois cada criança possui experiências singulares com a escrita e com a leitura. A esse respeito BRITO (2007, p. 4) ressalta que “[...] a aprendizagem da escrita é, portanto, processual e se constrói em ritmo diferente em cada indivíduo. Assim, é natural que, numa situação de alfabetização, as crianças estejam em níveis diferentes de alfabetismo”.

No processo de construção de conhecimento do aluno o professor alfabetizador desempenha um papel fundamental, por ser um importante mediador entre a criança e o objeto de conhecimento (leitura e escrita). No entanto, para que o professor realize uma intervenção pedagógica bem sucedida é necessário que tenha domínio de saberes sobre a natureza da alfabetização e acerca da construção do conhecimento, pois segundo Soares (2010, p. 43):

[...] Esse exercício de mediação exige dele um conhecimento claro do processo de construção do conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve, o que significam seus diferentes desempenhos [...].

O conhecimento relativo a como ocorre o processo pelo qual passa a criança no desenvolvimento de sua aprendizagem da leitura e da escrita, propicia ao professor compreender as dificuldades e os avanços vivenciados pelas crianças, o que concorre para a organização de uma prática alfabetizadora orientada a partir das necessidades apresentadas pela criança.

O professor alfabetizador, portanto, necessita partir dos saberes prévios de seus alunos para possibilitar a construção dos novos conhecimentos escolares, reconhecendo e respeitando a concepção que a criança possui sobre a escrita e a leitura, resultante de suas experiências com o mundo letrado. “A análise da lógica da escrita infantil pode mostrar ao professor o caminho percorrido pela criança, evidenciando suas interpretações e hipóteses na leitura e na escrita, bem como indicar a ação didática adequada a cada situação” (BRITO, 2007, p. 7).

Outro aspecto que merece ser considerado pelo professor no processo de alfabetização diz respeito à importância da linguagem oral, considerando que o trabalho com a oralidade oral necessita ser ampliado no âmbito da escola e da sala de aula, observando-se que “[...] a variação linguística deve ser respeitada e tomada como ponto de partida nas construções sobre o escrever. A aprendizagem da escrita possui certas peculiaridades que envolvem o conhecimento lingüístico, o uso da fala e sua relação abstrata com a escrita” (BRITO 2007, p. 7).

Ou seja, o alfabetizador deve ter consciência de que a escrita da criança apresenta-se de acordo com suas experiências vivenciadas em seu ambiente cultural. Razão por que, poderá não ser a mesma escrita ortográfica que a escola exige, mas uma escrita produzida pela criança a partir de suas hipóteses sobre o ato de escrever. O professor, então, deve considerar a lógica da escrita apresentada pela criança ao ensinar a escrita convencional. Porém, além desses aspectos é importante que no processo de alfabetização os alunos sejam desafiados a usarem a leitura e a escrita, não apenas como uma técnica, mas como práticas sociais através de atividades em que eles vejam significados no que estão fazendo, o que propiciará avanços para na da linguagem escrita. No que diz respeito a essa compreensão, Moraes e Araujo (2007, p. 170) ressaltam que:

[...] é preciso que as crianças sejam constantemente desafiadas, através de situações diversificadas e significativas, a refletirem sobre o seu próprio processo de construção de conhecimento, experimentando/exercitando a escrita- escrevendo, e da mesma forma, experimentando/exercitando a leitura- lendo [...].

Concordamos com a ideia de diversificação das atividades de leitura e escrita propostas às crianças, bem como ratificamos que os usos escolares da escrita devem ter como referência a dimensão sociocultural da língua escrita, pois quando o professor trabalha atividades significativas para a criança, ela tem prazer no que está fazendo e, conseqüentemente,

sente-se motivada para conhecer, explorar e aprender a ler e a escrever. Entendemos, portanto, que os usos da escrita na escola podem prescindir de exercícios estereotipados em que conduzem a criança a, apenas, reproduz e/ou repetir modelos de escrita por meio de cópias, o que não possibilita ao aluno uma relação crítica, dinâmica e produtiva com a escrita e a leitura.

Segundo Carvalho (2010, p. 14) “[...] desde a alfabetização, apresentar uma ampla variedade de textos é favorecer um mergulho no mundo da escrita, com a exploração de mil e uma possibilidades”. Significa que a utilização de uma variedade de texto na alfabetização amplia as possibilidades da criança para perceber os usos e as formas como a escrita se apresenta. Significa, ainda, que não é interessante que a criança aprenda apenas a decodificar/decodificar. É fundamental que ela aprenda, também, a compreender, a interpretar o que lê, conforme assinala (CARVALHO, 2010, p. 11).

[...] Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se aprende com a leitura: mas isso só será possível por meio de atividades que façam sentido, que visem à compreensão de leitura [...].

De acordo com a autora o ensino de palavras que não fazem parte da realidade do aluno, de sílabas soltas, de textos sem sentido, ou seja, o ensino da leitura como um ato mecânico não possibilitará a compreensão dessa leitura, simplesmente conduzirá esse aluno a reproduzir os usos mecânicos da leitura e da escrita, ocasionando, assim, uma aprendizagem desinteressante, sem significado.

O processo de alfabetização, neste sentido, envolve a aquisição da língua escrita, mas não se resume a isso. Alfabetizar implica, também, considerar “[...] os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20). Ou seja, requer que o alfabetizador proporcione ao aluno diferentes experiências de usos sociais com a leitura e com a escrita, sem descartar os aspectos de codificação/decodificação. Alfabetizar exige ainda um repertório de conhecimentos, peculiares sobre a leitura e a escrita, além de exigir conhecimentos a respeito da criança, compreendendo dentre outras coisa como a criança se apropria da língua escrita, isto é, como aprende a ler e a escrever.

### 3 Percurso metodológico da pesquisa

O presente estudo resulta de pesquisa em andamento e fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa em face das peculiaridades do objeto de estudo. No âmbito da abordagem qualitativa, optamos pela pesquisa narrativa por possibilitar ao sujeito a articulação entre o passado e o presente, através da rememoração de suas trajetórias e da reflexão crítica na e sobre suas praticas. As narrativas, neste estudo, são compreendidas como instrumentos de formação e de investigação, configurando-se como ferramenta que valoriza as experiências pessoais e profissionais dos sujeitos da investigação, tendo em vista que quem narra acerca de suas histórias de vida pessoal e profissional:

[...] Ao escrever acerca de suas experiências aprofunda suas reflexões sobre os caminhos trilhados, sobre as histórias tecidas nas experiências cotidianas. Quem escreve evoca, portanto, os contornos de sua existência, re-cria suas histórias e estabelece conexões entre passado e presente. (Brito, 2010, p. 54)

A pesquisa narrativa é importante porque funciona como processo formativo, considerando que ao contar suas experiências os narradores estarão rememorando sua trajetória no exercício da profissão docente. O estudo, nesta acepção, fundamenta-se na idéia de que, a narrativa, em sua centralidade, potencializa ao sujeito o conhecimento de si e de suas experiências, por possibilitar a reconstituição de processos históricos e socioculturais vivenciados nos mais diferentes contextos do exercício da profissão docente. Nesta trajetória buscamos contribuições em autores, tais como: Zabalza (1994); Nóvoa (1995), entre outros.

O processo de produção dos dados foi desenvolvido através de entrevistas semi- estruturadas, da observação e da utilização de relatos escritos (através de memoriais). Neste caso, optamos pelo uso do memorial, por ser um documento pessoal em que o professor registra suas reflexões e seus sentimentos sobre o próprio processo de aprendizagem e sobre o trabalho que desenvolve em sala de aula.

A investigação tem como *locus* uma escola da rede pública de ensino de Teresina/PI, envolvendo como interlocutoras cinco professoras alfabetizadoras que atuam em classes de alfabetização. Porém, no âmbito deste trabalho apresentamos resultados referentes apenas a duas alfabetizadoras, cognominadas de Bia e Ana, com o intuito de preservarmos suas identidades.

## **4. Revelando os dados da pesquisa**

Nesta seção, apresentamos o processo de análise dos dados a partir do que foi produzido no memorial. Para melhor compreensão dos achados da pesquisa organizamos os dados nos seguintes eixos temáticos: Professoras alfabetizadoras e suas concepções de alfabetização; Contornos da alfabetização escolar; Marcas do ser professora alfabetizadora.

### **4.1 Professoras alfabetizadoras e suas concepções de alfabetização**

Os processos de alfabetização das professoras orientam-se conforme a concepção de escrita e de leitura que elas possuem, ou seja, a partir dessas concepções as alfabetizadoras desenvolvem suas situações de ensino, suas atividades de leitura e escrita. No contexto deste estudo, percebemos que as professoras concebem a alfabetização como um processo amplo, que vai além do ensinar a codificar/decodificar. Ao falarem desse processo ressaltaram:

[...] Não há mais espaço para o alfabetizador que dita às regras, que diz como é para ser, mas acima de tudo para o alfabetizador que faz as atividades junto com o aluno mediando, pondo desafios, mas ao mesmo tempo está ao lado dele, dando suporte, dando coragem incentivando-o na descoberta de novas palavras, tanto na leitura como na escrita (Professora Ana)

[...] através da leitura e da escrita a criança será capaz de compreender, além da língua falada, a ciência, a matemática, artes e o espaço onde vive. Contudo, julgo importante valorizar o conhecimento que a criança traz consigo e utilizá-lo no processo de alfabetização, pois através dessa interação e dessa troca de conhecimento o trabalho torna-se mais produtivo. (Professora Bia)

Através das narrativas das alfabetizadoras percebemos que ensinar a ler e a escrever não se restringe a atividades para a instrução de codificar e decodificar letras, mas que é um ensino que se dá na interação da criança com a escrita nas situações reais de leitura/escrita vivenciadas nos diferentes contextos sociais. Percebemos, também, que a proposição de atividades de leitura e escrita que sejam desafiadoras, mobilizam as crianças em processo de alfabetização a descobertas e a construção de hipóteses sobre o que é ler, o que é escrever, contribuindo para que desenvolvam habilidades

leitoras e escritoras. As análises das narrativas indicam, ainda, que a leitura e a escrita são meios para o empoderamento dos sujeitos e para compreensão do mundo. Assim, consideramos importante a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos acerca de ler e do escrever nas situações de alfabetização escolar.

Morais e Araújo (2007) e Brito (2007), ratificam as narrativas apresentadas pelas alfabetizadoras e nos remetem a ideia de que, de fato, o desenvolvimento da alfabetização requer investimentos em atividades que permitem à criança a pensar/refletir sobre o que é a escrita, quais seus usos e funções. Requer, também, considerar os conhecimentos prévios da criança sobre o significado e finalidades da leitura e da escrita.

## **4.2 Contornos da alfabetização escolar**

O que é alfabetizar? Como alfabetizar? Essas indagações têm permeado as reflexões acerca do processo de alfabetização, demarcando ser necessário pensar nas interfaces entre concepções e finalidades da escrita nos contextos escolares e sociais. Essas reflexões indicam que alfabetizar exige do professor alfabetizador, um repertório de conhecimentos, que englobam um conjunto de saberes, que vão além de um saber meramente técnico, que situa o professor como um transmissor de conhecimentos. Alfabetizar requer do alfabetizador a percepção da multidimensionalidade do ensino da linguagem escrita. Acerca dessa temática as alfabetizadoras explicitam que:

[...] alfabetizar não é tarefa fácil. As trocas cognitivas realizadas pelas crianças no processo de alfabetização são complexas. Elas necessitam usar todos os seus sentidos para reconhecer os símbolos como letras, atribuir a eles um som e reproduzir oralmente esse mesmo som. Nesse sentido, nós enquanto professores dos anos iniciais, temos que ter a sensibilidade de conhecer e compreender como ocorre todo esse processo [...] (Professora Bia).

[...] Alfabetizar é um trabalho árduo que requer muito planejamento, saber diversificar os gêneros textuais, realizar vários tipos de leitura, confeccionar várias matérias, preparar atividades produtivas, mas o foco é o corpo a corpo com a criança, tomar a leitura individualmente, saber em que nível de alfabetização ela se encontra [...] (Professora Ana).

As narrativas das alfabetizadoras mostram que alfabetizar é um processo complexo, visto que envolve muitos aspectos, tanto referentes ao processo de ensinar a ler e escrever (codificação/decodificação), quanto aos fatores ligados ao aluno, ou seja, ter conhecimento sobre como ocorre o processo de aprendizagem pela criança. Isso envolve além de saberes sobre os aspectos cognitivos, o conhecimento dos alunos, o conhecimento de seu meio social, para compreender o ritmo e o nível em que se encontram, uma vez que estes ao ingressarem na escola apresentam diversas vivências e experiências com a leitura e a escrita. As narrativas docentes mostram, também, que alfabetizar requer um planejamento sistematizado, um ensino que envolva diversidade metodológica, fundamentada em atividades que proporcionem ao aluno o exercício da reflexão sobre o objeto de conhecimento (a escrita).

Os escritos das alfabetizadoras vão ao encontro do pensamento de Varela (2011) ao explicitar que a alfabetização é um processo que envolve conhecimento da natureza da leitura e da escrita, e sobre como ocorre à aprendizagem da escrita pela criança. Neste âmbito, Brito (2007) destaca a complexidade do processo de alfabetização, enfatizando que em uma mesma sala haverá crianças com ritmos e níveis de alfabetismo diferentes e que o professor deve estar atento a esse fato para organizar situações de ensino/aprendizagem que respondam aos interesses e necessidades das crianças.

### **4.3 Marcas do ser professora alfabetizadora**

A experiência como alfabetizador ou alfabetizadora é marcante na trajetória profissional de professores, pois envolve muitos dilemas e desafios. Esses dilemas e desafios referem-se à construção de uma prática alfabetizadora bem sucedida. Apesar dos aspectos dilemáticos e desafiadores, a vivência da prática é marcante na trajetória profissional, principalmente, no que concerne aos aprendizados construídos pelas alfabetizadoras, conforme registram as narrativas:

[...] O momento mais importante para mim era o de quando eu tomava a leitura das crianças [...]. Lembro que às vezes eu me emocionava, meus olhos enchiam-se de lágrimas e abraçava as crianças, pois o avanço era nosso, meu e dela [...] (Professora Ana).

Fico gratificada quando percebo que as crianças sob minha responsabilidade iniciam o processo de leitura e de escrita [...].

Não há prêmio maior do que está diante dos bons resultados ao final de um trabalho com turmas de alfabetização. (Professora Bia).

Podemos perceber pelos depoimentos das alfabetizadoras Ana e Bia, embora cientes da complexidade da alfabetização, têm como foco que é alfabetizar uma criança representa assumir responsabilidades com práticas de ensino da leitura e da escrita na perspectiva de formação de leitores e escritores proficientes.

## **5 Considerações conclusivas**

O estudo revelou que as alfabetizadoras concebem o processo de ensino da leitura e da escrita não como aprendizagem de uma técnica, mas como aprendizado que envolve práticas sociais de usos da escrita. O professor alfabetizador necessita conhecer a natureza da leitura e da escrita, entender o seu funcionamento e os seus usos na sociedade, assim como necessita entender como a criança aprender a ler e a escrever.

Constatamos, ainda, que a diversificação de atividades de leitura e de escrita no contexto da escola e da sala de aula oportuniza aos alfabetizandos a vivência da linguagem escrita numa perspectiva sociocultural, indicando as diferentes situações de utilização da escrita na sociedade letrada. Percebemos que as alfabetizadoras, partícipes da pesquisa, demonstram compromisso com a tarefa de alfabetizar. São alfabetizadoras que assumem o papel como mediadoras no processo ensino-aprendizagem auxiliando o aluno a construir seu próprio conhecimento. Contudo, ficou evidente que as alfabetizadoras desenvolvem o processo de alfabetização atendendo a complexidade de alfabetizar, pois de acordo com suas narrativas, alfabetizar ultrapassa o ensino da técnica de codificar/decodificar.

## REFERÊNCIAS

BRITO, A. E. Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sócio cultural. **Revista Iberoamericana de Educación**. nº 44/4. Novembro de 2007.

\_\_\_\_\_. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e a formação de professores. In: MORAIS, D. Z.; LUGLI, R. S. G. (Org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biográfico como espaço de formação/investigação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CARVALHO, M. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2010.

CASTANHEIRA, M. L.; MARCIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CURTO, L, M; MORILLO, M, M; TEIXIDÓ, M, M. **Escrever e Ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-los a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORAIS, J. de F. dos S.; ARAÚJO, M. da S. Alfabetização: desafios da prática alfabetizadora. **Revista ACOALFap: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa**, São Paulo, ano 2, nº 3, 2007.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. São Paulo: Editora contexto, 2010.

SOARES, M. I. B.; AROEIRA, M. L.; PORTO, A. (Org.). **Alfabetização Linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensões, 2010.

SOUSA, E. C. DE. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: MIGNOT, A. C. V. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

TFOUNI, L V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VARELLA, N. K. Fundamentos sociopsicolinguísticos e psicogenéticos da alfabetização. IN: SARAIVA, J. A. (Org). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.